

ANC

1.4

A Igreja Progressista fazendo artes da CIA

Os estatutos do Conselho Indigenista Missionário, aprovados pela CNBB em 1977, fixam como um dos objetivos da entidade "incentivar e assessorar o atendimento às populações indígenas, em suas necessidades espirituais ou materiais, especialmente no campo pastoral, sempre a partir das próprias culturas indígenas e à luz da revelação" (não confundir com revolução...). Seria difícil dizer se a alusão a necessidades espirituais ou à luz da revelação foi posta nos estatutos de boa-fé, uma vez que, em 1977, a Igreja brasileira já estava em pleno processo de renúncia a sua missão espiritual, ou se se tratou apenas de um disfarce para dar ares piedosos a uma atuação que está muito longe de ter alguma coisa a ver com o espiritual.

O fato é que, hoje, o CIMI, como a própria CNBB, pensa em tudo, menos no que deveria pensar. O rompimento com as tradições cristãs é tão completo e profundo que o CIMI não tem nenhum pudor em agir exatamente como o servo mau da parábola evangélica, que, tendo recebido um talento de seu senhor, que partia para uma viagem, em vez de fazê-lo render, enterrou-o para entregá-lo, tal qual o recebera, quando seu amo voltasse. Ao expor a parábola, Cristo condenou o servo.

O CIMI pretende deixar enterrados os talentos minerais do Brasil, com o pretexto de preservar a cultura indígena.

Ninguém ignora que a maior parte das riquezas minerais do Brasil, e até do mundo inteiro, está na região amazônica. Se essa riqueza fosse adequada e honestamente explorada, isso representaria uma contribuição decisiva para que o Brasil desse a arrancada final para o clube restrito dos países plenamente desenvolvidos.

Inventou-se, porém, a chamada cultura indígena, que consiste em fabricar arcos, flechas, tacapes e tabas que, através dos séculos, jamais apresentaram nenhum sinal de evolução. Quando os índios são corrompidos pela cultura ocidental, passam a usar facas ou armas de fogo, mas jamais introduzem o menor aperfeiçoamento nos instrumentos de sua invenção. Na era da eletrônica e da conquista espacial, nenhum índio produziu ainda uma flecha teleguiada ou construiu sua taba de acordo com as exigências do conforto ou sequer da higiene.

Muito menos algum pajé ou o cacique Juruna produziram uma obra literária ou sequer um folheto de cultura política. Entretanto, os homens brancos mais espertalhões decidiram que todo dia é dia de índio e transformaram a secular ignorância indígena em cultura. E uma cultura tão peculiar, que, através da História, todas as culturas progrediram entrando em contato com outras e assimilando seus valores, ao passo que a indígena deve ser preservada em uma redoma, sob pena de imediata deterioração.

Nunca duvidamos da pureza intrínseca dos movimentos de defesa do patrimônio ecológico da humanidade. E a prova disso é que nenhum jornal brasileiro lhes dá tanto apoio quanto o Jornal da Tarde.

Isso não impede, no entanto, que estejamos plenamente conscientes de que esses movimentos vêm sofrendo uma influência cada vez maior de grupos políticos e ideológicos cujo interesse maior é conseguir, por meio da sua manipulação, dificultar o mais possível o desenvolvimento econômico, que é a condição básica para o florescimento dos regimes democráticos. O poder político desses grupos — todos eles totalitários — é sempre inversamente proporcional ao grau de desenvolvimento material, de disseminação de prosperidade nas sociedades que eles visam dominar. E entre esses grupos, incluímos a Igreja Progressista.

Assim, o esforço da Igreja dos herr Arns, herr Lorscheiter, herr Lorscheider e outros prelados de origem alienígena, para impedir a exploração econômica racional de uma região potencialmente tão rica como a Amazônia, sob o pretexto de defender os sagrados direitos da minoria indígena, sempre nos pareceu perfeitamente lógico. Estando em busca, exclusivamente, do poder político, essa Igreja tem todo o interesse em evitar com todas suas forças uma emancipação econômica que secaria as fontes da sua força política no Brasil como secou nos países da Europa Ocidental.

Foi essa Igreja que desceu ao nível da luta político-ideológica, e em nossa missão jornalística era, até agora, nesse terreno que procurávamos enfrentá-la, acreditando que, assim, estávamos defendendo os verdadeiros interesses da nação brasileira que anseia, em sua imensa maioria, por estruturas democráticas.

Agora, porém, após a leitura das reportagens de O Estado de S. Paulo, o problema assume aspectos muito mais complicados e muito mais graves. Já não se trata apenas de uma entidade que não é brasileira, mas universal, e que recebe ajuda financeira do estrangeiro para o que, oficialmente, é uma obra espiritual e religiosa, embora estejamos fartos de saber que a "obra" é político-ideológica. O de que se trata agora, é de uma denúncia muito bem documentada de que o CIMI, não sabemos em troca de que — mas considerando-se as suas convicções ideológicas é fácil desconfiar que a remuneração pelo serviço é puramente pecuniária — está a serviço de uma conspiração internacional de grupos capitalistas ocidentais para impedir que o Brasil continue a competir com vantagem no mercado internacional de estanho. A Igreja que se diz progressista, portanto, tapa o seu nariz ideológico e une o útil (o dinheiro do imperialismo capitalista) ao agradável (a sabotagem do desenvolvimento brasileiro).

Estamos, portanto, diante de uma flagrante violação da soberania nacional — tão cara aos nossos progressistas —, para não falar logo de início em traição da Pátria, nitidamente configurada em um tipo de ação tão ao gosto da CIA (que, no entanto, não trai pátria nenhuma porque está sempre a serviço da sua).

O que aconteceria neste país se a denúncia envolvesse, não uma facção da Igreja Católica progressista, mas alguma Igreja protestante norte-americana dessas que a CNBB vive acusando de servir aos interesses imperialistas em suas missões evangélicas (essas sim) no Brasil, é fácil de imaginar.

Vamos esperar que desta vez o presidente da República não tenha receio de levar um puxão de orelha de dona Kiola e enfrente a Igreja peçonhenta como aquilo que ela realmente é.

E vamos ver se os valentes defensores da soberania nacional que vivem preocupados com as ameaças que ela sofre por parte da IBM se manifestam sobre a pretensão de introduzir a figura da soberania restrita sobre a Amazônia na nova Constituição, com o mesmo zelo patriótico.